



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em **Dom Casmurro**¹

"The Eyes are the Window to the Soul": the role of eyes on character construction in Dom Casmurro

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes²
Universidade do Estado Rio de Janeiro/CAPES
thiagodossantos16@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7921-463>

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Letras-Língua Portuguesa (UERJ), com bolsa CAPES; Mestre em Letras-Língua Portuguesa (UERJ); Licenciado em Letras: Português-Literaturas (UFRRJ); membro dos grupos de pesquisas Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Língua Portuguesa (ELMEP/CNPq), Descrição e Ensino de Língua: pressupostos e práticas (CNPq) e Laboratório de Pesquisa em Língua e Discurso (LINDIS/CNPq) e compõem, desde maio de 2023, o corpo de editores do periódico Palimpsesto - Revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ.

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”

: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

Resumo: Sendo o romance *Dom Casmurro* uma das principais obras da literatura brasileira, é comum que ele desperte o interesse e a curiosidade de leitores e de pesquisadores de diversas áreas. Tal fato é demonstrado pelos diversos trabalhos que se voltam ao estudo do romance a partir de diferentes pontos de vistas, construindo, assim, uma variada fortuna crítica sobre a obra. Nessa perspectiva e buscando contribuir para os estudos machadianos, o presente artigo debruça-se sobre a obra de Machado de Assis com o a finalidade de compreender como os olhos são relevantes para a construção dos personagens do romance *Dom Casmurro*. Partindo do ditado popular “os olhos são a janela da alma”, buscamos analisar as descrições que o narrador constrói para os olhos dos personagens e entender de que maneira elas nos permitem fazer uma análise do caráter moral dos personagens descritos.

Palavras-chave: *Dom Casmurro*; Machado de Assis; Olhos; Capitu; personagens.

Abstract: As one of the most significant works of Brazilian literature, the novel *Dom Casmurro* often sparks the interest and curiosity of readers and researchers from various fields. This is evident in the numerous studies dedicated to analyzing the novel from different perspectives, thereby building a diverse body of critical scholarship on the work. In this context, and with the aim of contributing to Machado de Assis studies, this article focuses on Machado de Assis's work to understand how eyes play a crucial role in the construction of the characters in *Dom Casmurro*. Drawing from the popular saying "the eyes are the window to the soul," we seek to analyze the narrator's descriptions of the characters' eyes and explore how these descriptions allow us to assess the moral character of the depicted figures.

Keywords: *Dom Casmurro*; Machado de Assis; Eyes; Capitu; character.

1. Iniciando a conversa

Lançado originalmente em 1900, o romance *Dom Casmurro* integra o chamado período de maturidade de Machado Assis, e foi precedido por *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880/1881) e *Quincas Borba* (1886/1891) os quais foram primeiramente publicados na forma de folhetim. Assim, considerando que “[...] nosso escritor esteve, por cerca de 40 anos – mais ou menos entre as primeiras crônicas de 1861 (mas mesmo antes, publicando esparsamente nos jornais e revistas) e as crônicas e contos dos anos 1890 –, envolvido com o fazer literário para os periódicos” (Granja, 2021, p. 159), o romance de 1900 representa uma inovação no fazer literário de Machado de Assis; haja vista que este, em contraponto àqueles, não foi anteriormente publicado em jornais e ou periódicos.

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

Sétimo romance da obra geral de Machado e terceiro de sua fase madura, *Dom Casmurro* apresenta a história de duas famílias da sociedade fluminense carioca do século XIX, as quais, apesar de pertencerem à classes sociais diferentes, vivem ligadas por uma abertura no muro que divide as duas propriedades (Schwarz, 1997; Gledson, 1991; Rocha, 2021). Situação que se torna verossímil porque “o romance é o gênero literário mais típico da sociedade burguesa [...]” (Lukács, 1981, p.177), de modo que este gênero se faz propício para o desenvolvimento da história que se desenrola aqui. Dessa maneira, dentre as obras de Machado de Assis,

Dom Casmurro é o mais complexamente enganoso dos romances. A estrutura do romance pretende persuadir o leitor e evitar a suspeita de que tudo possa não ser como parece, sem, é claro, destruir as bases de suspeição sobre as quais se assenta uma interpretação melhor. (Gledson, 1991, p.22)

Para além da história dos amores de Bento Santiago e Capitolina Pádua – respectivamente Bentinho e Capitu –, o romance trata dos ciúmes do amigo sobre a amiga. É, portanto, do ponto de vista de um homem ciumento e com o ego ferido que o narrador apresenta os fatos desde o começo do romance, elaborando, então, uma narrativa tendenciosa e não confiável (Schwarz, 1997; Gledson, 1991; Caldwell, 2008; Santiago, 2019; Bosi, 2020; Rocha, 2021). Helen Caldwell, estudando a obra de Machado, aponta que

o ciúme nunca deixou de fascinar Machado de Assis. Em suas obras, seja em artigos ou na ficção, ele frequentemente faz pausas para manipular um lento bisturi sobre alguma nova manifestação de ciúme. O ciúme ocupa um espaço importante em sete de seus nove romances; a trama de dez contos trata dessa vil paixão – embora, nos sete últimos, o tratamento seja irônico, senão duramente cômico. (Caldwell, 2008, p. 18)

Santiago (2019, p.33) ainda assevera que “[...] o romance de Machado [...] é antes estudo do ciúme, e apenas deste [...]”, pontuando que esta visão é preterida pela divisão de leitores e alguns críticos em relação à dicotomia traiu/não traiu. Nesse sentido, Rocha (2021) aventa a possibilidade de Machado haver, na elaboração do romance e na construção do narrador, se inspirado em três peças shakespearianas –

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

Otelo, *Cimbelino* e *Conto de Inverno* –, das quais destaca-se que “[...] a segunda cena do terceiro ato de *Conto de Inverno* favoreceu o pulo do gato do autor de *Dom Casmurro*, pois a figura do Rei-“vítima”-procurador-juiz foi traduzida em impecável forma literária na prosa de Bento Santiago” (Rocha, 2021, p.135), na qual se ligam o ingênuo adolescente e o amargo e solitário advogado. Silviano Santiago corrobora tal perspectiva ao apontar

[...] a grande e grave proposição do livro: a consciência do narrador Dom Casmurro, esse homem já sexagenário, advogado de profissão, ex-seminarista de formação, consciência pensante e vacilante, que tem necessidade de reconstruir na velhice a casa de Matacavalos onde viveu a sua adolescência [...]. (Santiago, 2019, p.33-4)

Helen Caldwell aponta que “[...] Machado de Assis não nomeia seus personagens por acaso [...]” (Caldwell, 2008, p.55) e segue destacando que o nome do narrador contribui para a construção deste narrador, uma vez que “‘Bento’ é a forma portuguesa de ‘Benedito’” (Caldwell, 2008, p.65), um dos padroeiros dos portugueses, e que o sobrenome Santiago também faz referência a outro santo do cristianismo, esta nomeação induz à construção e à percepção do personagem narrador como um indivíduo ingênuo e, de certa forma, santificado. Tais elementos corroboram a argumentação de Silviano Santiago (2019) que focaliza o caráter moral-religioso, ao lado do retórico, da narrativa a partir do fato de Bentinho ser ex-seminarista, colocando-o em uma posição favorecida em relação à acusada. É, então, partindo desse ponto que o romance se desenvolve e se constitui como uma narrativa que desemboca em uma proposta de refletir sobre o que está apresentado ao longo do texto e do ponto de vista pelo qual isto está apresentado, sendo necessário um exercício de observação moral a partir de um distanciamento entre leitor e personagens (Schwarz, 1997; Gledson, 1991; Santiago, 2019; Bosi, 2020). Tratando do romance, Roberto Schwarz pontua que

[...] o livro tem algo de armadilha, com lição crítica incisiva – isso se a cilada for percebida como tal. Desde o início há incongruências, passos obscuros, ênfases desconcertantes, que vão formando um enigma. A eventual solução sem ser propriamente difícil, tem custo alto para o espírito conformista, pois

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro

deixa mal um dos tipos de elite mais queridos da ideologia brasileira.
(Schwarz, 1997, p.9)

Do ponto de vista narrativo, o romance nos apresenta um narrador em primeira pessoa que traz luz aos fatos por meio de um ponto de vista um tanto quanto inflexível, de modo que “[...] o NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos [...]” (Leite, 2007, p.43). Ele, então, organiza o romance de acordo com o que ele viu e com o que achou ter visto. Desse modo, o advogado Bento Santiago elabora a narrativa de sua vida, afirmando que o “[...] fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência [...]” (Assis, 2010, p.22), propósito que o próprio narrador assume que começou a buscar, como já pontuamos aqui com Santiago (2019), com a construção – reprodução, na verdade – da casa onde viveu a sua adolescência.

A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. (Assis, 2010, p.22)

A produção do livro é, portanto, a segunda tentativa do Casmurro; a qual, de acordo com o narrador, também não lhe rende o êxito esperado, demonstrando que as intenções do livro vão além desta, uma vez que o narrador já deixa o alerta de seu fracasso na empreitada de “[...]atar as duas pontas da vida [...]” (Assis, 2010, p.22). O narrador afirma:

[...] não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim [...]. (Assis, 2010, p.22)

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

Machado de Assis cria em Bentinho um narrador sutil e malicioso, que apresenta, pelo menos inicialmente, um tom saudoso dos seus dias de meninice. A figura construída para este narrador é convidativa para aliar-se a ele sem questionamentos; com o avançar do romance, porém, um tom envenenado e envenenador vai se apresentando. Sendo esse o grande ponto que dá ao romance a sua capacidade enganadora (Schwarz, 1997; Gledson, 1991; Santiago, 2019; Bosi, 2020). Observamos, então, que “[...] o ponto de vista de Bento Santiago é especioso [...]” (Schwarz, 1997, p.11), construindo um discurso aparentemente neutro e que busca rememorar o antes e ligá-lo ao agora.

O narrador, contudo, deixa espriar para o texto, em detalhes da narrativa, as suas ideias e intenções, uma vez que “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Orlandi, 2003, p.17). É, portanto, da relação entre história-sujeito-língua que se apresenta ao longo da apresentação feita ao longo do romance. Machado de Assis constrói em Dom Casmurro o narrador perfeito para os propósitos da narrativa ora apresentada, ele faz de Bentinho “[...] advogado, portanto homem mais ligado à arte de escrever, de persuadir e de julgar os outros, como também o faz ex-seminarista, homem que, pelo menos em teoria, deve ter as antenas mais preparadas para sentir os problemas morais [...]” (Santiago, 2019, p.38).

A história é então desenvolvida a partir da narrativa de um Casmurro que ordena os fatos favoravelmente ao seu ponto de vista e a sua imagem disseminando, de maneira sutil, as informações e os detalhes que mais tarde o narrador tenta usar para culpabilizar sua amiga Capitu (Schwarz, 1997; Gledson, 1991; Santiago, 2019; Bosi, 2020; Rocha, 2021). João César de Castro Rocha afirma que “Bento Santiago é o dono da bola, mas não chega a ser um artilheiro. Ora, a fim de persuadir o leitor, ele ordena sua memória cuidadosamente. No entanto, não consegue nem mesmo convencer-se” (Rocha, 2021, p.141). Assim, constrói-se um encaminhamento literário que busca guiar o leitor para um determinado fim, mas acaba por apresentar tipos narrativos por meio dos personagens (Santiago, 2019; Bosi, 2020; Rocha, 2021).

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

Tal situação se possibilita porque, como já se pontuou aqui com Rocha (2021), Bento assimila em si a figura de advogado-“vítima”-procurador-juiz, guiando a narrativa desse ponto de vista, como se apresentasse um caso a um corpo de jurados, os quais são os leitores; de modo que “[...] a fragmentação da história se torna bem maior, e o romance na verdade deixa de ser um caso de amor para se transformar num processo de acusação” (Gledson, 1991, p.26). Silviano Santiago, defendendo a ideia de que *Dom Casmurro* apresenta-se com um teor retórico, corrobora a posição apresentada por Rocha (2021), demonstrando que

[...] réu e advogado de defesa são, respectivamente, Bento e Dom Casmurro. Dom Casmurro, como bom advogado que devia ser, toma para si a defesa de Bentinho, arquitetando uma peça oratória em que se nos afigura de primeira importância o seu aspecto propriamente forense (era escrita por um advogado) e o seu aspecto moral-religioso (escrita por um ex-seminarista). (Santiago, 2019, p.38)

Sob os olhos desse narrador, que “[...] é um ressentido, medroso do passado [...]” (Santiago, 2019, p.42), conhecemos o jovem Bentinho, D. Glória – sua mãe –, os agregados – Tio Cosme, prima Justina e José Dias –, o casal Pádua, a jovem Capitu, Escobar e outros personagens, dos quais o narrador, o velho Bento Santiago, lança mão para corroborar a tese que está construindo ao longo da narrativa. A seguir, abordaremos a construção de Capitu, recorrendo a alguns outros personagens, a partir das descrições que são feitas dos olhos dela ao longo do romance.

2. Os olhos em *Dom Casmurro*

O ditado popular “os olhos são as janelas da alma” é um provérbio comum em diferentes idiomas, sem que haja uma identificação precisa de sua autoria. Tal máxima traduz a ideia de que, por meio dos olhos, é possível compreender e entender o ser humano; em outras palavras, a frase expressa que os olhos falam sobre o caráter e a personalidade do outro. Nesse sentido, o psicanalista Wilhelm Reich (1998), ao elaborar um trabalho de pesquisa acerca do caráter humano, pontua que os olhos e a

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

movimentação destes têm fundamental importância no processo de análise que ele desenvolve e descreve ao longo dos seus estudos. Na perspectiva dele, a observação das expressões dos olhos é um ponto muito importante na elaboração de um diagnóstico.

Nessa linha de pensamento, Maria Tereza Faria e José Henrique Volpi (2022), estudando a proposta psicanalista de Reich (1998), destacam que no olho encontra-se vida, por haver nele uma circulação de energias que é independente do sistema vascular. O olho tem, então, a possibilidade de comunicar, de modo que “[...] o olhar é tido como centro das relações humanas enquanto percepção e expressão [...]. Assim, os olhos sabem muito mais do que as palavras jamais poderão dizer” (Faria; Volpi, 2022, p.2). Por meio dos olhos, portanto, percebemos a nós mesmos, ao outro e ao mundo: eles “[...] percebem muito mais do que as palavras jamais conseguirão dizer. Percebem e estabelecem (ou propõem) muito mais relações pessoais – ou com objetos – do que elas” (Gaiarsa, 2000, p.25).

Ao voltarmos ao romance, observamos que as descrições dos personagens de *Dom Casmurro* focam muito nos olhos e em como eles se portam nas interações entre os indivíduos. De modo que podemos observar o comportamento, as personalidades destes e, sobretudo, a maneira como o olhar memorialista e enviesado do velho advogado Bento Santiago recai sobre eles. A palavra “olho”, no singular ou no plural, aparece cerca de cento e cinquenta vezes ao longo da narrativa; quando faz parte da descrição de um personagem, vem acompanhada por um adjetivo que personaliza o descrito. Em contrapartida, o verbo olhar aparece em torno de sessenta vezes, em sua maioria fazendo referência à interação entre os personagens. De modo que o próprio narrador deixa a pista da importância dos olhos, quando em uma das interações entre Bentinho e Capitu adolescentes, os olhos passam a comunicar o que não conseguiam pôr em palavras.

Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o cálix, os lábios a pátena. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial no estilo. Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica. *Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas*, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham... (Assis, 2010, p.39, grifo nosso)

Passando a algumas descrições feitas por Bentinho, vemos que os olhos são referenciados de formas físicas e também como elementos que são ligados à personalidade e ao caráter de quem está sendo descrito. Assim, ao apresentar tio Cosme o narrador fala que ele “era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os *olhos dorminhocos* [...]” (Assis, 2010, p.28, grifo nosso). A expressão – em destaque na citação –, utilizada para tratar dos olhos do tio, constrói uma descrição moral, mas não a física e demonstra que este era um homem preguiçoso e cansado, sempre disposto a não fazer nada ou ao descanso, precisando de reflexão e de reunir forças físicas e morais para exercer suas atividades, como se demonstra com o seguimento da narração:

Uma das minhas recordações mais antigas era vê-lo montar todas as manhãs a besta que minha mãe lhe deu e que o levava ao escritório. O preto que a tinha ido buscar à cocheira, segurava o freio, enquanto ele erguia o pé e pousava no estribo; a isto seguia-se um minuto de descanso ou reflexão. Depois, dava um impulso, o primeiro, o corpo ameaçava subir, mas não subia; segundo impulso, igual efeito. Enfim, após alguns instantes largos, Tio Cosme enfeixava todas as forças físicas e morais, dava o último surto da terra, e desta vez caía em cima do selim. Raramente a besta deixava de mostrar por um gesto que acabava de receber o mundo. Tio Cosme acomodava as carnes, e a besta partia a trote. (Assis, 2010, p.28)

Vemos que as descrições dos olhos e a observação dos movimentos destes carregam uma forma de descortinar para o leitor o caráter e a personalidade da personagem em questão. Assim, acerca de prima Justina, o narrador afirma que ela “[...] era quadragenária, magra e pálida, boca fina e *olhos curiosos* [...]” (Assis, 2010, p.50, grifo nosso), demonstrando que ela é uma mulher movida pela curiosidade que de tudo quer saber, mas que também de tudo fala, apontando para como ela não tinha reservas para nada. Logo em seguida, o narrador trata de uma conversa entre ele e a prima e, para descrever o interesse e a curiosidade desta, atribui aos olhos atividades de outros órgãos e sentidos, haja vista que ela estava colhendo uma informação que confirmava o que já havia sido pontuado por José Dias.

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

Entretanto, como prima Justina se metesse a elogiar-lhe os modos, a gravidade, os costumes, o trabalho para os seus, o amor que tinha a minha mãe, tudo isto me acendeu a ponto de elogiá-la também. Quando não era com palavra, era com gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra, e certamente com a felicidade que devia iluminar-me a cara. Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias, ouvida por ela, à tarde, na sala de visitas, se é que também ela não desconfiava já. Só pensei nisso na cama. Só então senti que os olhos de prima Justina, quando eu falava, pareciam apalpar-me, ouvir-me, cheirar-me, gostar-me, fazer o ofício de todos os sentidos. Ciúmes não podiam ser; entre um pirralho da minha idade e uma viúva quarentona não havia lugar para ciúmes. (Assis, 2010, p.51)

Observamos em prima Justina a mulher que precisa ter ciência das coisas que estão acontecendo a sua volta, que, para colher informações de Bentinho, proferiu elogios a Capitu e, após ouvir o que queria, o narrador pontua que ela “[...] modificou os elogios a Capitu, e até lhe fez algumas críticas, disse-me que era um pouco trêfega e olhava por baixo [...]” (Assis, 2010, p. 51). Seguindo, passamos a Ezequiel Escobar que, curiosamente, recebeu quatro descrições que trazem à tona aspectos sobre a sua personalidade. Na primeira inteiração entre Bentinho e Escobar que de fato se concretiza, o narrador afirma que aquele

[...] era um rapaz esbelto, *olhos claros, um pouco fugitivos*, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo. Quem não estivesse acostumado com ele podia acaso sentir-se mal, não sabendo por onde lhe pegasse. Não fitava de rosto, não falava claro nem seguido; as mãos não apertavam as outras, nem se deixavam apertar delas, porque os dedos, sendo delgados e curtos, quando a gente cuidava tê-los entre os seus, já não tinha nada [...]. (Assis, 2010, p.97-8, grifo nosso)

Por esse trecho, percebemos em Escobar uma pessoa com tendência a evitar contatos diretos, seus olhos fisicamente claros, demonstram uma transparência e facilidade de ler e compreender seu modo de ser e de agir. Ao mesmo tempo, são fugitivos, isto é, demonstram que há segredos que o rapaz prefere não transparecer de imediato, utilizando a fuga para guardar seus segredos. Somando isto à continuação da descrição, vê-se que o comportamento dos olhos se reflete restante do corpo dele. O seminarista, contudo, demonstra ter facilidade em voltar-se para si mesmo em reflexão como forma de fugir do mundo externo: “[...] Uma coisa não seria tão fugitiva como o

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

resto, a reflexão; íamos dar com ele, muita vez, olhos enfiados em si, cogitando [...]” (Assis, 2010, p.98). José Ângelo Gaiarsa (2000), falando sobre o movimento dos olhos, destaca que a velocidade é para que se concentrem em um ponto específico, de modo que uma das formas de fuga de Escobar era voltar-se para si mesmo.

A segunda descrição que focaliza os olhos de Escobar é colocada pelo narrador na boca do agregado José Dias. Em visita à casa de Matacavalos e, mais propriamente, a Bentinho, o seminarista conhece D. Glória, tio Cosme, prima Justina e José Dias. Após a saída dele o agregado comenta: “*Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos*; assim os definiu José Dias, depois que ele saiu, e mantenho esta palavra, apesar dos quarenta anos que traz em cima de si. Nisto não houve exageração do agregado [...]” (Assis, 2010, p.117, grifo nosso). Conhecendo o gosto que José Dias tinha pelos superlativos, a fala dele poderia ser tomada como um exagero, mas o próprio Casmurro, por intermédio da voz narrativa, afirma que não houve exageros na descrição que o agregado faz.

A atribuição do adjetivo *dulcíssimos* – superlativo de doce – traz à tona o caráter amável e cordial, apontando como o jovem Escobar é uma pessoa agradável para a convivência e para a conversação, de modo que o rapaz agradou a todos na casa. Tão satisfeitos os moradores ficaram em relação ao rapaz, que ele passou a visitar a casa mais vezes e é ao final dessas visitas que encontramos a terceira descrição que focaliza os olhos dele. Desta vez, a observação é colocada, pelo narrador, nos lábios de prima Justina.

Todos ficaram gostando dele. Eu estava tão contente como se Escobar fosse invenção minha. José Dias desfechou-lhe dois superlativos, tio Cosme dois capotes, e prima Justina não achou tacha que lhe pôr; depois, sim, no segundo ou terceiro domingo, veio ela confessar-nos que o meu amigo Escobar era um tanto metediço e *tinha uns olhos policiais a que não escapava nada*. (Assis, 2010, p.139, grifo nosso)

A prima quadragenária observa que o menino Escobar tinha uma postura investigativa e observadora, que não deixava escapar nada, trazendo à tona a curiosidade do garoto em contraponto a postura fugitiva observada pelo próprio

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

Bentinho. Vemos, portanto, que o jovem, apesar de ter uma personalidade um tanto retraída e voltar-se para si mesmo em reflexões, não deixa passar o que está acontecendo a volta de si. Destaca-se que a prima viu em Ezequiel Escobar uma característica, como vimos aqui, que é própria dela, a curiosidade, isso se comprova no comentário feito por Cosme em resposta à observação da prima: “— São *olhos refletidos*, opinou tio Cosme” (Assis, 2010, p. 139, grifo nosso). Assim, observamos que ela vê características suas espelhadas no menino. O agregado, José Dias, contudo, concorda com a observação feita por dona Justina pontuando que a curiosidade e a reflexão caminham lado a lado: “— Seguramente, acudiu José Dias; entretanto, pode ser que a senhora D. Justina tenha alguma razão. A verdade é que uma coisa não impede outra, e a reflexão casa-se muito bem à curiosidade natural. Parece curioso, isso parece, mas...” (Assis, 2010, p.139).

A quarta descrição que dá destaque aos olhos de Escobar é feita, novamente, pela voz narrativa, isto é, por Bentinho: “Quando voltei ao seminário, contei tudo ao meu amigo Escobar, que me ouviu com igual atenção e acabou com a mesma tristeza da outra. *Os olhos, de costume fugidios*, quase me comeram de contemplação [...]” (Assis, 2010, p.145, grifo nosso). Nesta apresentação, o narrador traz à tona, uma vez mais, a característica fugitiva do amigo que, apesar de estar com os olhos fixados em Bentinho, está perdido em sua reflexão, esta o leva à ideia do substituto que livraria seu amigo do Seminário e da vida paroquial, deixando-o livre para viver seu amor com Capitu.

[...] De repente, vi-lhe no rosto um clarão; um reflexo de ideia. E ouvi-lhe dizer com volubilidade:

— Não, Bentinho, não é preciso isso. Há melhor, — não digo melhor, porque o Santo Padre vale sempre mais que tudo, — mas há coisa que produz o mesmo efeito.

— Que é?

— Sua mãe fez promessa a Deus de lhe dar um sacerdote, não é? Pois bem, dê-lhe um sacerdote, que não seja você. Ela pode muito bem tomar a si algum mocinho órfão, fazê-lo ordenar à sua custa, está dado um padre ao altar, sem que você...

— Entendo, entendo, é isto mesmo. (Assis, 2010, p.145)

Por esses elementos, podemos observar que Escobar era uma pessoa curiosa, investigativa e, também, fugitiva, seja de forma a não manter muito contado ou de

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

voltar-se para si mesmo de maneira reflexiva. Esta última atitude é muito comum em Capitu, personagem que analisamos a seguir, haja vista que o narrador afirma: “Capitu refletia. A reflexão não era coisa rara nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertado dos olhos [...]” (Assis, 2010, p.45). Por fim, ao nos voltarmos para as descrições apresentadas a Capitolina Pádua, observamos que os olhos e o olhar dela são retomados algumas vezes ao longo do romance e são muito marcantes para a construção da personagem em questão. A primeira menção a ela é feita por José Dias e não faz referência aos olhos da menina.

— É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida... (Assis, 2010, p.24)

O agregado apenas aponta a menina como insensata e que contraria os padrões, dizendo que o pai não tem controle sobre ela, demonstrando a necessidade – talvez sua intenção principal ao rememorar a promessa – de separar os jovens. A primeira descrição que trata dos olhos da juvenzinha é apresentada pelo narrador quando está nos contando quem é a amiga e destacando os atributos físicos dela. Assim, enquanto atravessa o buraco do muro e chega ao quintal da casa vizinha, o narrador diz:

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, *olhos claros e grandes*, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. (Assis. 2010, p.38, grifo nosso)

Aqui observamos o narrador descrevendo a mocinha de uma forma um tanto quanto romântica e deslumbrada, alternando o foco entre ela, o alvo do desejo, e os efeitos que ela causa nele. Abordando o nosso objeto neste trabalho, os olhos são tratados a partir das características físicas, ao olhar para o uso do adjetivo claros, percebemos a clareza com que Capitu se porta e se comunica, ela é clara e transparente e tem facilidade para raciocinar e transmitir os seus pensamentos. Apesar de ser uma

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

descrição física, conseguimos, já aqui, inferir traços da personalidade de Capitu a partir da adjetivação dos olhos da menina. Assim, o narrador busca deixar claro desde o início quem e como é a jovem vizinha. O próximo trecho que se debruça sobre os olhos de Capitu é colocado na boca do agregado, quando, em uma caminhada pelo passeio público, José Dias dispara contra a menina e, dentre outras coisas, julga o caráter dela por meio dos olhos.

— Quando era mais jovem; era criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço, e ele tomando confiança. D. Glória, afinal, não pode gostar disto. A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles *olhos que o diabo lhe deu...* Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! a adulação! [...] (Assis, 2010, p.53-4, grifo nosso)

Pela olhos e pela voz do agregado, vemos o narrador atribuir os olhos de Capitu a um presente dado pelo Diabo. Com isso, podemos observar que o narrador busca apresentar a amiga como um ser maligno, uma vez que, “[...] segundo o cristianismo, o Diabo torna-se mentor e articulador do mal que povoa a terra, podendo colocar a seu dispor toda uma potesdade de demônios que interfere na vida do homem, seja na esfera coletiva ou na individual” (Menon, 2008, p. 218). Assim, os olhos – dados pelo Diabo – fazem da menina uma agente do mal que tem a missão de interferir e atrapalhar na vida do jovem e ingênuo Bentinho, uma menina, portanto, manipuladora. A continuação da descrição feita por José Dias prossegue sustentando a ideia inicial com a adjetivação que é atribuída aos olhos de Capitolina.

Ao afirmar que a moça tem os olhos “de cigana” (Assis, 2010, p.54), a narrativa lança mão de um conjunto de estereótipos aos quais os povos ciganos são submetidos, uma vez que se apropria de “[...] imagens negativas, que demarcaram aos romà uma condição de marginalizados [...]” (Soria, 2015, p.76). Dessa maneira, José Dias constrói a imagem de Capitu como uma mulher volúvel, dada ao paganismo, uma degenerada e perturbadora, em outras palavras, uma devoradora e desvirtuadora de homens, a *femme fatale* – alguns dos estereótipos atribuídos aos povos ciganos, em especial às mulheres ciganas (Fazito, 2006; Soria, 2015). Para corroborar tais construções de sentidos para a

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

personalidade, lança mão de dois outros adjetivos que complementam as imagens, estereotipadas, suscitadas pela imagem da cigana: *obliqua* que traz uma ideia de que a jovem é maliciosa, que cruza o caminho de forma arredondada/curva; *dissimulada* que dá a ideia de que ela é fingida e/ou falsas, pondo dúvidas sobre as intenções e os sentimentos da menina em relação a Bentinho.

A maneira como o agregado descreve os olhos de Capitolina Pádua constrói uma imagem de uma mulher duvidosa e interesseira, que só buscava o status social e o dinheiro que a família Santiago tinha a oferecer-lhe. Tal descrição, retomando a ideia de peça retórica defendida por Silviano Santiago (2019), é um dos elementos usados como forma de acusação, a qual o narrador recorre para a pretensa confirmação da traição de Capitu, mesmo depois de o agregado ter se reparado desta descrição: “[...] Cuidei o contrário, outrora; confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce... [...]” (Assis, 2010, p.149-150). Destaca-se que, neste segundo momento, José Dias muda e simplifica a descrição dos olhos dizendo apenas que são só pensativos, fruto das constantes reflexões da menina. Por fim, a última exposição focada em caracterizar os olhos de Capitu, e ela própria, rende o capítulo “XXXII - Olhos de ressaca” e é feita pelo próprio Bentinho, sendo retomada algumas vezes no romance.

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram *aqueles olhos de Capitu*. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. *Olhos de ressaca? Vá, de ressaca*. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me [...]. (Assis, 2010, p.65, grifo nosso)

Aqui vemos que o narrador constrói uma metáfora que traz para Capitu a imagem do mar, contudo, o que figura aqui é a representação de um mar agitado. Assim, Bento Santiago traz para amiga uma personalidade agitada e revoltosa que é capaz de feitos destrutivos, uma vez que a ressaca marítima é um evento de mar revoltado que

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

tem a potencialidades destrutivas e capazes de tragar pessoas e danificar ambientes mais frágeis (Lins-de-Barros *et. al.*, 2016; Machado *et. al.*, 2019). Desse modo, o narrador traz para a personalidade de Capitolina Pádua esse potencial destrutivo e devastador, fato que é destacado pelo narrador de uma forma que carrega um tom romântico que visa a esconder o propósito acusatório da metáfora: “[...] tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me [...]” (Assis, 2010, p.65). Capitu, portanto, seria essa onda destrutiva que sai arrasando os cantos por onde passa e carregando com ela tudo que está em seu caminho; nesse sentido, Alfredo Bosi afirma que “[...] seus olhos serão olhos-onda tragadores de homens vivos e mortos, e junto com os olhos virão espáduas e braços nus, colos magníficos, seios fartos, corpos bem-feitos, bem conscientes do seu poder de sedução [...]” (Bosi, 2020, p.21).

Destaca-se, então, que a descrição dos olhos de Capitu como uma ressaca, apesar de um caráter destrutivo, ela também traz à tona a força e a determinação da moça, que se dispõe a lutar pelos seus objetivos. Assim, a definição *olhos de ressaca* reaparece algumas vezes durante a narrativa e volta a nomear o capítulo CXXIII, no qual está acontecendo o velório de Escobar (morto ao nadar no mar que estava em período de ressaca) e que mostra como Bento Santiago, ao observar o modo como os olhos de Capitu fixam-se no defunto, começa a ter certeza de que sua esposa era amante de seu melhor amigo. Tal episódio traz luz ao propósito da descrição feita com a metáfora da ressaca, de modo que a ressaca Capitolina Pádua Santiago, na visão do narrador, trouxe a amizade de Bentinho e Escobar e, também, a existência feliz de Bento.

3. Finalizando o Assunto

O romance *Dom Casmurro*, ao longo dos anos, suscitou e ainda suscita diversas discussões, muitas delas voltadas para a dicotomia traiu/não traiu. As discussões foram evoluindo e focando em outros elementos e pontos de vistas abordados ao longo da narrativa. Uma dessas é a estruturação dela como uma peça retórica de acusação como

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*

defende Silviano Santiago (2019), demonstrando como o narrador cumpre o seu itinerário soltando elementos, aparentemente inocentes, ao longo do romance, aos quais, mais tarde, lança mão como formas de incriminar a esposa. Outro ponto de virada para as leituras crítica de *Dom Casmurro* foi o estudo de Helen Caldwell (2008), que traça um paralelo entre a obra de Machado de Assis e a peça shakespeariana *Otelo*.

Em relação aos olhos, objeto de análise do presente artigo, o romance apresenta um foco importante a eles, sobre a forma como eles se movimentam e até mesmo sobre a maneira como eles se comportam ao olhar para os outros, eles são parte importante da narrativa e para o desenvolvimento dela. Assim, os olhos são elementos importantes na construção discursiva dos personagens do romance, principalmente, de Capitu, sendo elementos reveladores do caráter e da personalidade construída, sob um ponto de vista tendencioso e intencionado, para as personagens da narrativa. Para além de características físicas, os olhos, em *Dom Casmurro*, podem ser percebidos como características morais que revelam muito sobre as personagens que descrevem. Considerando que o narrador afirma que “[...] os olhos continuaram a dizer coisas infinitas [...]” (Assis, 2010, p.39), podemos compreender que eles adquirem voz durante a narrativa e são de considerável relevância para o desenvolvimento dela. Assim, eles “são as janelas da alma” dos personagens e auxiliam na compreensão deles.

Referencias

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 9ª ed.. São Paulo-SP: Martin Claret, 2010.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 2ª ed.. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 5ª ed.. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- CALDWELL, Helen. *Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Traduzido por Fábio Fonseca de Melo. Cotia, SP: 2008.
- FARIA, Maria Tereza; VOLPI, José Henrique. O que dizem os olhos na psicologia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 25º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano,

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. “Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes

2022. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/anais-2022/>. Acesso em: 15 de jan. de 2024.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo-SP, v. 49, n. 2, p. 689-729, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/2049>. Acesso em: 23 de jan. de 2024.

GAIARSA, José Ângelo. *O olhar*. São Paulo, SP: Editora Gente, 2000.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRANJA, Lúcia. Do periódico ao livro: (des)limites da ficção de Machado de Assis. In: WERKEMA, Andréa Sirihal; ROCHA, João Cezar de Castro. *Atualidade de Machado de Assis: leituras críticas*. São Paulo, SP: Nankin, 2021.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco Narrativo*. 11ª ed.. São Paulp, SP: Ática, 2007.

LINS-DE-BARROS, Flavia Moraes; ZEIDAN, Felipe; LIMA, Rafael de França.

Adaptações e percepção da população a eventos de ressaca do mar no litoral de Maricá, Rio de Janeiro, Brasil. *Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management*, Lisboa, Portugal, v. 16, n. 2, junho, pp. 147-161, 2016.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/toc.oa?id=3883&numero=46765>. Acesso em: 23 de jan. de 2024.

LUKÁCS, Georg. *Nota sobre o romance*. Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1981.

MACHADO, Jeferson Prietsch; MIRANDA, Gustavo Santos Barbosa; GOZZO, Luiz Felipe; CUSTÓDIO, Maria de Souza. Condições Atmosféricas Associadas a Eventos de Ressaca no Litoral Sul e do Sudeste do Brasil durante o El Niño 2015/2016. *Revista Brasileira de Meteorologia*, Rio de Janeiro-RJ, v. 34, n. 4, 529-544, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbmet/i/2019.v34n4/>. Acesso em: 23 de jan. de 2024.

MENON, Maurício Cesar. O diabo: um personagem multifacetado. *Línguas & Letras*, Cascavel-PR, v. 1, n. 1, p. p. 217-227, 2000. Disponível em:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/195>. Acesso em: 23 jan. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5ª ed.. Campinas, SP: Pontes, 2003.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Traduzido por Ricardo Amara do Rego. 3ª ed.. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

ROCHA, João Cezar de Castro. Machado/Shakespeare: Bento Santiago/Leontes: afinidades estruturais. In: WERKEMA, Andréa Sirihal; ROCHA, João Cezar de Castro. *Atualidade de Machado de Assis: leituras críticas*. São Paulo, SP: Nankin, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife, PE: Ceoe, 2019.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de *Dom Casmurro*. In: SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. "Os olhos são a janela da alma": a questão dos olhos na construção de personagens em *Dom Casmurro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.



“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro

SORIA, Ana Paula Castello Branco. *“Juncos ao vento”*: literatura e identidade romani (cigana): El alma de los parias, de Jorge Nedich. 2015. 331 f., Tese (Doutorado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

Recebido em: 20/07/2024.

Aceito em: 1º/09/2024.

LOPES, Thiago Wallace Rodrigues dos Santos. *“Os olhos são a janela da alma”: a questão dos olhos na construção de personagens em Dom Casmurro*. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 94-111.